

Romano Júnior

# História de Escritor

1ª Edição  
Resende - RJ  
2021

## HISTÓRIA DE ESCRITOR

©2020 Romano Júnior

Todos os direitos reservados

Autor: Romano Júnior

Preparação do Original e Revisão: Betti Pellizzer

Diagramação: Equipe Raredes (@raredes.editora)

Capa: Ingrid Design (@ingridbratkoskgr)

Imagens da capa: Freepik

Arte do miolo: Thom Milkovick; Freepik

---

J95h

JÚNIOR, Romano

História de Escritor / Romano Júnior. Resende-RJ: 2020 – Publicação Independente.

1 – Romance; 2 – Ficção; I. Título – II. Autor

ISBN: 978-65-992531-3-3

CDD 869.93

---

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com lugares, pessoas e acontecimentos reais terá sido mera coincidência.

Esta obra está protegida pela Lei de Direitos Autorais brasileira e não pode ser cedida ou reproduzida, em quaisquer meios, através de quaisquer veículos, sem a expressa autorização do autor.

Direitos dessa edição reservados a:

Romano Júnior

[romanojrescritor@gmail.com](mailto:romanojrescritor@gmail.com)

# HISTÓRIA DE ESCRITOR



Romano Júnior



# Enigma

Não sei o que acontece comigo  
Pois estou, a cada dia, renovado.  
Lembro-me do dia em que era só minha amiga  
Hoje é meu amor, a mulher pela qual estou apaixonado...

Sei que nem sempre tenho forças  
Para encarar as situações de frente,  
Mas quando penso que as soluções são escassas,  
É aí que me engano e crio asas, novamente...

Quando você me disse que iria viajar  
Confesso que fiquei triste, totalmente indefeso, como uma criança.  
Contudo, o seu amor me fez acreditar  
Que nada é capaz de nos separar, nem mesmo a distância...

Nada para mim é mais importante  
Que ter você ao meu lado.  
Amor, te necessito a todo o momento, a todo instante  
E tenho fé de que, em breve, esse dia será consumado...

Assim como a alvorada do dia e o crepúsculo do anoitecer,  
O fenômeno que deu origem ao nosso amor é indescritível.  
Podem vir obstáculos e, de toda forma, tentar nos entristecer,  
Porém Deus está conosco, e a Sua proteção é imbatível!

Romano Júnior

*“Não adianta se entregar aos sonhos se você  
se esquece de viver.”*

J. K. Rowling

# Prólogo



Com muito amor, peguei a carta e senti o cheiro que ela exalava. Sentei-me em sua cama, e a sensação de tristeza tomou conta do meu coração. Senti um enorme buraco em meu peito, dois tipos de vazio: um em minha alma, o outro era inexplicável. É impressionante como o amor tem o poder positivo de transformar machistas e cabeças-duras em homens românticos que abrem portas e mandam flores. O amor tem a capacidade de fazer milagres, de transformar homens em seres especiais.

O meu amor é um dos maiores exemplos disso. Lembrar dele é lembrar de lugares magníficos, de estrelas românticas e de uma pessoa que procurava pela perfeição, mesmo onde ela não existia.

Meu coração derretido pulsava forte enquanto eu pensava no dia anterior. Ricardo tinha contado nossa história. Contou do jeito dele, aumentou algumas coisas,

fingiu que sabia de outras, mas contou a história. E mesmo sendo totalmente imperfeita porque não foi contada por quem a viveu; foi perfeita porque foi contada com muito amor.

É claro que Ricardo não podia saber tudo. Claro que não! Como ele saberia das vezes que caímos na gargalhada ou das vezes que ele diferenciava minha maquiagem, a cor de minhas unhas, minhas escovas ou minhas luzes? Tantos risos... tantos, que sinto falta.

Por alguns instantes, pressionei a carta contra meu peito pois queria que os maus momentos partissem e dessem lugar apenas aos momentos especiais, que ainda estavam frescos em minha mente, por causa da história de Ricardo.

Existem palavras que nunca mais vão embora.





# Ricardo

A história  
contada por  
terceiros





# Capítulo I



**T**udo começou após o término do seu namoro, em junho de 2009, com a cidadã que ele afirmava ser a mulher de sua vida. Nessa época, trabalhávamos em uma montadora de automóveis, éramos os responsáveis pela área de produção. Nossa rotina semanal era bastante cansativa.

Seu choque após perder Maria Fernanda havia se unido aos seus diferentes problemas, e isso lhe causava reações que, até aquele momento, não sabíamos que existiam, como não sabíamos de que modo aquilo o afetaria emocionalmente. Longe dela, ele vivia fases ora elevadas, ora nocivas; havia dias em que se encontrava educadamente; e outros dias, grosseiramente, sem motivos aparentes para tais oscilações. O cansaço físico e mental lhe havia causado transtornos neuroquímicos.

Penso que, na devida ordem, um ser em tal estado precisa ser zelado primeiramente para, em seguida, receber tratamento psicoterapêutico. Esse tipo de doença gera um estado demasiado de melancolia, e era exatamente isso o que estava acontecendo com ele.

Terminou seu fascínio pelas preciosidades do planeta. Seu gozo mirrou, não continha desejo algum. Era um inaproveitável com uma culpa excessiva pesando em seu dorso. Não conseguia se concentrar, estava entristecido e, para completar o círculo, a insônia se fez algo constante em suas noites. Minha tia o observava a todo o momento, com uma imensa desesperança no olhar. Tentava remediar a situação, mas nada surtia efeito. Sua situação se agravou tanto que, durante cinco dias, ele não conseguiu dormir. Quando se ocupava com alguma atividade, ficava cansado, mas sem um pingô de sono. Às vezes, tirava um cochilo de, no máximo, vinte minutos, geralmente depois de se alimentar. Eu e minha tia permanecemos, por dias, aguardando uma boa ação, mas ele preferiu nos entregar sofrimentos; dizia que, dentro dele, uma ansiedade gritava desesperadamente e o obrigava a cometer atos irresponsáveis. Ausente da obrigação, não conseguia raciocinar.

Absorvido pelo humor dos numerosos colegas de ganha-pão que usavam os fundamentos comuns do dia a dia, quaisquer detalhes o irritavam demasiadamente. As pessoas começaram a notar que alguma coisa de errado estava acontecendo com o rapaz.

No mês de outubro, Pedro deu o primeiro passo e pediu férias para começar o tratamento. Ele sempre havia sido uma pessoa de gênio difícil; não aceitava a ideia de que precisava de ajuda, embora observasse todo hemisfério sem tonalidades, sem satisfação e sem nenhum estímulo. Tudo era motivo para que ele se trancasse em seu

quarto. Foi assim, até a minha pessoa entrar em cena. O meu primeiro argumento já estava engasgado em minha garganta havia muito tempo:

— Pedro, tá na hora de parar de frescura e entender que tem chance de estar com depressão ou algo do tipo. Você não é mais criança para ficar dando todo esse espetáculo.

Com numerosos e carinhosos esforços de todos os próximos a ele, finalmente percebeu que precisava de um especialista. Ao ver o sofrimento de sua mãe, Pedro procurou cumprir o que recomendamos. Levamos o complicado rapaz a um psiquiatra da cidade.

Entramos na sala, com o rapaz completamente desorientado, não possuía inteligência para atrelar os reais motivos do quebra-cabeças que circulava em sua mente. Todo o planeta, em sua forma de pensar, parecia inimaginável naquele instante.

— Boa tarde, Pedro Paulo; boa tarde, Ricardo. Sentem-se! — pediu o psiquiatra.

— Boa tarde — respondemos.

— Pedro, sabe os motivos que o trazem aqui? — perguntou o médico.

— Sinceramente, não.

— Vamos começar com um pequeno questionário. Não se importa em responder algumas perguntas, não é?

— Não, senhor.

— Responda-me empregando os termos: nenhuma vez, dois ou três dias, mais da metade dos dias, praticamente todos os dias. Pode decorar?

— Sim.

— Há alguma dificuldade em começar seu sono, ou tem insônia ou está dormindo excessivamente?

— Insônia, praticamente todos os dias.

— Esgotamento ou falta de energia?  
— Esgotamento, mais da metade dos dias.  
— Apetite reduzido ou demasiado?  
— Reduzido, na realidade, todos os dias.  
— Julga-se fracassado ou presume que desapontou amigos e familiares?

— Decepçãoei uma pessoa que não merecia.

— Deseja dialogar sobre essa questão?

— Não, não.

— Considerada a doença do Século XXI, a depressão é caracterizada pelo desânimo constante. Essa indisposição interfere no trabalho e na vida pessoal, com potencial para alterar até a forma como o indivíduo pensa ou age. O abatimento, na maioria das vezes, é uma doença crônica e não deve ser ignorada, nem subestimada.

— O que devo fazer?

— Psicoterapia e antidepressivos controlam a melancolia. O tratamento exige muita perseverança e disciplina e, por esse motivo, é preciso combinar o medicamento com a psicoterapia.

— Quem são os especialistas que o senhor me indicaria?

— Os tratamentos psicológicos são realizados por psicoterapeutas e psicólogos, te indicarei um excelente profissional no assunto. Recomendarei um antidepressivo. Será indispensável que retorne ao consultório, no mínimo, oito vezes por mês. Semana que vem daremos início ao seu tratamento.

— De acordo — concordou o cabeça-dura, para meu alívio.

Pedro estava conhecendo a dura escola da vida. O absoluto que girava em sua consciência era permanecer trancado a sete chaves. Às vezes, alguma coisa o incomodava

com tamanho ardor, que seus olhos lacrimejavam por horas, quase sem controle. Por mais que necessitasse de pessoas dispostas a acudi-lo, ele não falava com ninguém, não procurava pôr para fora o que sentia. Queria atravessar um deserto sem uma gota de água, estava sendo muito difícil lidar com ele. Nem mesmo o acesso de minha tia ao seu quarto rendia bons resultados:

— Pedro, tem várias pessoas lá fora. Todas elas têm algo para fazer, mas estão aqui, dispostas a ajudá-lo, e você continua deitado nessa cama feito uma criança mimada...

— Mãe, não estou com cabeça...

— É raro alguém, nesse mundo, nos estender as mãos e, quando estendem, são esses os modos que devem servir de retribuição? — pesquisou minha tia, com alto tom na voz.

— Mãe, eu não consigo trazer as pessoas para perto de mim.

— Deixe-as participarem da tua vida, ouça os conselhos delas. São pessoas experientes e estão dispostas a ajudá-lo. Existe equilíbrio em todas as coisas.

— Ah, mãe! Aquele monte de gente falando me deixa mal humorado, eu não tô bem, melhor ficar aqui no meu quarto mesmo. Semana que vem prometo que vou ao médico.

— Cuidado para não se ferir no seu próprio orgulho. Um dia, pode precisar e, nesse dia, pode não encontrar nenhuma mão estendida.

As horas passavam sem que o rapaz conseguisse definir se era dia ou se era noite. A ausência de luz dominou seu dormitório ao longo de todo esse tempo. Não sabia mais o que era o silêncio, pois sua mente estava dominada por uma bombástica guerra. No momento que conquistou um reduzido cochilo, um pesadelo veio à tona. Nesse

instante, Pedro acordou todo suado, sentindo calafrios e com uma dor de cabeça impetuosa, era um tormento dividido entre o virtual e o real, ambos ruins.

— O que houve? Está tudo bem? — perguntei, enquanto Pedro rolava na cama de um lado para outro.

— Tive um pesadelo.

— Quer conversar sobre?

— É tudo muito estranho, um carro em alta velocidade, totalmente desgovernado, quebrou os *guard rails* da Dutra e caiu dentro do rio. Duas pessoas que eu não consegui ver os rostos pularam dentro do rio e abriram a porta... Adivinha quem estava dentro do carro?

— Quem?

— Eu! Dá para acreditar?

— Realmente, não está bem. Valorize o tratamento. Tudo que está ocorrendo contigo está no começo. E tudo no início tem maiores probabilidades de serem certas.

Na semana posterior, Pedro, acompanhado por mim e por minha tia, foi à policlínica determinada para o começo dos tratamentos psicológicos. Depois do procedimento, a administração do hospital enviou um comunicado para a direção da empresa em que trabalhávamos, com informações transferidas pelo psicólogo e pela psiquiatra, dando ao rapaz uma licença de três meses da função, para que ele pudesse se submeter ao tratamento. Desse modo, seu regresso ficou para o término do recesso das férias coletivas, no dia 05 de janeiro de 2010.

No decorrer desse intervalo de três meses em que estava se tratando, pude constatar o retorno de seu entusiasmo, de uma grande parte de suas vontades e desejos e, acima de tudo, retornava a entender a vida como ela realmente é.



# Capítulo II



Um incandescente verão, no final de 2009 e início de 2010, dominou a cidade do Rio de Janeiro e o interior. Considero, com total convicção, que tal ano foi uns dos mais quentes dos últimos cem anos. Falavam apenas três dias para a virada do ano, quando fomos visitar a cidade de Angra dos Reis com amigos e familiares. Pretendíamos que o novo ano sucedesse de dias melhores, de bem-querer e de serenidade para todos. Permanecia satisfatoriamente admirando as curiosidades na praia e conversando com Pedro, analisando em que fração da sua vida ele havia sido capaz de autorizar tantas páginas em branco e, concentrado nesse objetivo, assegurou-me que lutaria para que isso não se repetisse nunca mais.

A animada noite do dia 31 de dezembro estava formidável. As homenagens, a combustão de fogos de artifício à beira-mar e o sorriso das pessoas ocasionaram uma noite

magnífica. A meia-noite despertou ternura em todos que visitavam o litoral, confiávamos em um ano efetivamente renovado e diferenciado de todos os demais. Os comes e bebes circulavam em meio à família e aos amigos, precisávamos festejar e orar por dias melhores. Por volta das duas e meia da madrugada, uma parte das pessoas partiu para descansar, e o restante permaneceu conversando. Eu e Pedro continuamos no grupo dos proseadores; ele precisava se adaptar novamente ao mundo. Além dessa particularidade, pretendíamos apreciar o primeiro aparecimento do sol naquele ano.

O arrastado bate-papo gerou exageradas gargalhadas, com recordações que, para muitos, já estavam falecidas, o que levava o restrito grupo a uma alegria pouco vista. Enquanto isso, um inesperado temporal caiu, levou outros para a cama, em busca de um sono reconfortante ao som do agradável barulho do aguaceiro. Eu, Pedro e minha tia permanecemos tagarelando e, quando percebemos que o relógio já marcava seis horas, efetuamos os preparativos da refeição matinal. Ao ligarmos a televisão, a primeira trágica notícia estava em todos os canais: na Baía da Ilha Grande, sessenta mil toneladas de pedras, plantas e terra de uma encosta foram conduzidas pelas potentes águas. No caminho desse desmoronamento fatal, encontravam-se sete imóveis e uma pousada sobrecarregada de hóspedes. Em seguida, o jornal divulgou mais uma sequência de matérias macabras. Na cidade de Cuzco, no Peru, as chuvaradas exageradas provocaram um dilúvio e um verdadeiro estrago pela cidade. A terceira notícia abalou Pedro completamente: prédios centenários e casas haviam sido destruídos e carregados pela força das enxurradas no município histórico de São Luiz do Paraitinga, a duzentos quilômetros da Baía da Ilha Grande. A força da natureza fazia

as primeiras vítimas do ano. Custou-me aceitar que aquelas cenas fluíssem em plena virada de ano. As notícias nos deixaram chochados.

Pedro decidiu descansar, na esperança de retornar à órbita depois dos trágicos eventos. Ao acordar, por volta das quinze horas, observei que o chuvisqueiro prosseguia, e a maior parte das pessoas que estavam na morada permaneciam de olho nos telejornais. Pedro me chamou, descrevendo que começou a sentir uma sensação de carência. Não sei esclarecer detalhadamente o efeito ou os motivos desse sentimento. Estávamos em uma casa abarrotada de pessoas, e era como se apenas ele estivesse presente. No desenrolar da conversa, pedi para que fosse para o banho, na tentativa de ele acordar inteiramente. Porém o banho não surtiu efeitos, mal conseguiu se alimentar, o apetite parecia ter sido arrastado por uma enxurrada. Permaneci impossibilitado de efetuar comentários a respeito do assunto aos familiares e, novamente, Pedro foi para seu quarto, na confiança de acordar renovado. Essa péssima sensação o dominou completamente. Sem sono, permaneceu rolando de um lado para o outro; a sensação de vazio amadurecia naturalmente. Ocorria um combate dentro dele, cujos efeitos foram sentidos até certa hora da madrugada, quando a calma resolveu tomar conta do ambiente.

Ao raiar do dia, acordei analisando que o conflito interno que ele enfrentava havia cessado tão intensamente, que os roncos de apetite que vinham de sua barriga pareciam sirenes. Levantei-me da cama e caminhei até o banheiro para o protocolo de limpeza da minha fisionomia. Mudei de roupas, organizei minha mala e caminhei até a padaria em busca de alimentos para o bom desjejum.

Logo cedo, a temperatura dava seus primeiros indícios de que o dia seria excelente para as praias. Eu e Pedro precisaríamos retornar para casa e, em breve, para o trabalho. Dia 5 de janeiro estava próximo. Como Pedro estava escrevendo um livro, queria ter um tempo para se dedicar a ele e, com isso, conseguir esquecer os problemas que o atormentavam. Na padaria, percebi que o assunto daquele momento era a tragédia ocorrida na Baía da Ilha Grande. Outra particularidade que observei, é como as pessoas não se cumprimentavam mais com o famoso “bom dia”. O que via eram apenas cabeças empinadas que seguiam em linha reta. Ao chegar em casa, preparei o café e esperei pelos demais, que não demoraram muito para se levantar. Já vestido para a longa jornada, falei aos meus parentes e amigos:

— Como sabem, hoje, eu e Pedro retornaremos para casa. Quero agradecer a todos vocês pelos dias que ficamos juntos, por todo o carinho e dedicação, pelo que aprendemos e pelo que ensinamos também. Espero que 2010 seja o ano de nossas vidas! Só tenho a agradecer a todos. Obrigado, de coração.

Recebi abraços e pedidos de atenção como: “vão com cuidado”; “consciência no trânsito hoje, a estrada vai estar perigosa” e “Deus esteja com vocês”.

— Não quer ficar mais uns dias? — perguntou minha tia a Pedro.

— Não posso, tenho que ter um tempinho para mergulhar profundamente em minhas escritas. Quem sabe esse desafio seja a minha melhora.

— Espero que sim. Quando chegar, ligue para nos avisar que chegaram bem.

— Pode deixar, fiquem com Deus! — falou o rapaz, dando um beijo na testa de sua mãe.